

## A VIRTUDE DA FELICIDADE NA ÉTICA DE ARISTÓTELES

### THE VIRTUE OF HAPPINESS IN THE ETHICS OF ARISTOTLE

Edmilson Monteiro Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

#### Resumo

Este trabalho abordará o caminho apresentado por Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco*, sobre a necessidade de viver as virtudes para viver uma sociedade mais justa e ética. Na compreensão da ética para Aristóteles é necessário buscar o meio-termo utilizando-se dos meios para se chegar ao fim. Aristóteles no apresenta como uma virtude intelectual, sendo assim a como experiência virtuosa. O homem precisa de uma tomada de consciênciia em busca da felicidade. Para Aristóteles, não existem virtudes inatas, todas se adquirem pela repetiçjuna dos atos, que gera o costume, e esses atos, para gerarem as virtudes, não devem desviar-se nem por falta, nem por excesso, pois a virtude consiste na justa medida, longe dos dois extremos. Objetivo final desse trabalho é chegar ao fim último do homem segundo Aristóteles: A Felicidade.

**Palavras-chave:** Ética. Virtude. Felicidade.

#### Abstract

This paper will address the path presented by Aristotle in the *Nicomachean Ethics* work, on the need to live the virtues to live a more just and ethical society. In the understanding of ethics for Aristotle it is necessary to seek the middle ground by using the means to reach the end. Aristotle does not present as an intellectual virtue, thus being a virtuous experience. Man needs an awareness of happiness. For Aristotle, there are no innate virtues, all are acquired by the repetition of acts, which generates custom, and these acts, to generate the virtues, should not deviate either for lack or excess, for virtue consists in the right measure, far from both extremes. The final aim of this work is to reach the ultimate goal of man according to Aristotle: Happiness.

**Keywords:** Ethic. Virtue. Happiness.

#### Introduçjuna

Para Aristóteles (1991), pensamos que as virtudes são aquelas em que o homem de maneira cautelosa deve estar atento as circunstâncias nas quais ele precisa tomar alguma decisjuna, todo homem foi criado para a felicidade, onde é preciso utilizar-se dos meios. Aristóteles é cauteloso na medida certa, é precavido e prevenido o quanto é preciso ser. A *Ética* para Aristóteles é a arte de viver que ajuda o homem a viver segundo o melhor de todos os fins humanos. Para o Estagirita, a prudênciia, justia, amizade são virtudes que permitem aos homens analisar acerca do que é bom para a pessoa e agir de acordo com isso.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza, Especialista em Ensino de Filosofia também pela Faculdade Católica de Fortaleza. E-mail: ed\_rodrigues92@hotmail.com

A felicidade não está ligada aos prazeres ou as riquezas, mas às atividades práticas da razão. Em sua opinião, a capacidade de pensar é o que há de melhor no ser humano, uma vez que a razão é nosso melhor guia e dirigente natural. Se o que caracteriza o homem é o pensar, então esta é sua maior virtude e, portanto, reside nela a felicidade humana ARISTÓTELES (1991).

Veremos o homem que sabe escolher as melhores atitudes para a realização do fim último, utilizando-se das virtudes para chegar à felicidade do mesmo. As virtudes são adquiridas pela repetição dos atos. Regra que, também, vale e se aplica aos vícios. Neste sentido temos: o ato repetido gera o hábito e o hábito, segundo o bem ou o mal, gera ou a virtude ou o vício. Aristóteles defende que a felicidade é o maior bem desejado pelos homens e o fim das ações humanas. Podemos afirmar que, para Aristóteles, a felicidade deve ser o resultado do saber viver. Entendendo a ética como a arte de viver, o resultado desse viver será a felicidade. Ao abordarmos o que é felicidade é possível perceber que não há um único conceito e entendimento, mas vários que ao longo deste trabalho vamos discutir.

## Compreender Ética, bem comum e meio termo em Aristóteles

O conceito de ética surge na Idade Antiga, no pensamento grego, quando o pensamento socrático colocou em questão a natureza do bem e da virtude. Contudo, foi na filosofia de Aristóteles que o conceito de ética adquiriu maior relevância. Aristóteles afirma que todas as ações humanas visam a um bem, ou seja, possuir uma finalidade, esse bem, segundo ele, é o bem do homem, que equivale a ser feliz. Porém, não há uma unanimidade acerca daquilo que se define como sendo o bem.

Aristóteles (1991) inicia a *Ética a Nicômaco* com a seguinte frase: "Admite-se geralmente que toda parte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer: e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem. Mas observa-se entre os fins certa diferença: alguns são atividades, outros são produtos distintos das atividades que os produzem. Onde existem fins distintos das ações, são eles por natureza mais excelente do que estas.

A ética é uma razão prática, tendo em vista que os valores, aquilo que é bom ou mau, certo ou errado, são definidos pela ação humana. Assim sendo, afirmar que a ética se refere à práxis<sup>2</sup> significa dizer que o sujeito que pensa e age, a ação praticada e a finalidade do agir são inseparáveis.

Aristóteles é como um pai que está preocupado com a educação e a felicidade do seu filho, porém tem por objetivo provocar as pessoas a pensarem sobre as suas ações, colocando assim a razão acima das paixões, procurando a felicidade individual e coletiva, porque o ser humano vive em sociedade e as suas atitudes devem ser vistas por um bem comum. A Ética é

---

<sup>2</sup> PRÁXIS (do grego *prasso*, "fazer," "agir"), em Aristóteles a esfera do pensamento e da ação que compreende a vida ética e política do homem, em contraste com os projetos teóricos da lógica e da epistemologia (*theoria*). Foi assim que "práxis" adquiriu sua definição geral de "prática" por uma comparação com "teoria". (Cf. AUDI, Dicionário de Filosofia de Cambridge, p.742).

vista como parte da política que precede a própria política, e está relacionada com o indivíduo, enquanto a política retrata o homem na sua vertente social.

Toda a racionalidade prática visa um fim ou um bem e a ética tem como propósito estabelecer a finalidade suprema, e justifica todas as outras, e qual a maneira de alcançá-la. Essa finalidade suprema é a felicidade, e não se trata dos prazeres, riquezas, e sim de uma vida virtuosa, sendo que essa virtude se encontra entre os extremos e só é alcançada por alguém que demonstre prudência. A obra *Ética a Nicômaco* foi o primeiro tratado sobre o agir humano da história.

Segundo Aristóteles (1991), sem dúvida, deve haver uma analogia entre os diversos tipos de bem, uma comunidade de analogia, mas não poderia bastar para fundamentar uma ciência: o bem do corpo não é determinado da mesma maneira pelo dono de corpo e pelo nutricionista; menos ainda pelo guloso e pelo gozador da vida.

A ética é como uma parte da filosofia, considerada por Aristóteles uma ciência prática onde o resultado não é exterior ao agente da ordem prática. A ética é como um efeito, "um estado", em que o sujeito, que de certo modo a cristalização de bons hábitos, que se implantam de melhor forma no indivíduo. "A ética da virtude também chamada de ética baseada na virtude ou ética baseada no agente, concepções ou teorias de moral nas quais as virtudes exercem papel principal ou independente. Assim, é mais do que simplesmente a descrição das virtudes oferecida por determinada teoria" (AUDI, 2011).

Ética é a busca da felicidade dentro do âmbito do ser humano. Se esse homem se esforçar a atingir sua totalidade, isto é, se tornar uma pessoa virtuosa. Trata-se do comportamento humano pelo seu valor moral, a natureza do bem e justo. "Portanto, se é certo que podemos comprazer-nos depressa assim como podemos encolerizar-nos depressa, não é possível sentir prazer depressa, embora se possa andar, crescer, etc"(ARISTÓTELES, 1991).

A felicidade, o sentimento de uma harmonia entre suas atividades e os objetivos que desejam naturalmente, a satisfação íntima dessa harmonia. Aristóteles vai substituir a transcendência do Bem objetivo de Platão pela imanência de um bem subjetivo, pode ser mais conforme a nossas inclinações (STIRN, 2011, p.51).

É também uma filosofia moral, pois trata de valores da sociedade, isto é, do comportamento do homem pelo seu valor moral, preocupando-se em detectar os princípios de uma vida conforme a sabedoria filosófica, em que se elabora uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançar.

Das muitas definições da palavra ética para Aristóteles:

Empregado como substantivo, esse termo é na verdade, um substantivo, o qual significa algo como "doutrina" ou "disciplina". Deriva de *êthos*, que significa o caráter habitual, donde os costumes - o que faz da ética o equivalente etimológico do termo de origem latina "moral": "uma ciência dos costumes". Quando ao termo *êthos*, que é o grego arcaico não distinguia de *êthos*, ele significa "hábito", e é o último vocábulo que Aristóteles faz derivar "ética". A virtude ética é, com efeito, um "estado" do sujeito, que é de certo modo a cristalização de bons hábitos, que se implantam tanto melhor no indivíduo quanto mais cedo ele os adquire na vida. A ética como parte da filosofia é considerada por Aristóteles uma ciência prática - cujo resultado não é exterior ao agente - que na ordem prática, está situada na dependência da política.

Com efeito, são as leis justas que, em última instância, estabelecem os comportamentos corretos que dão os bons hábitos (PELLEGRIN, 2010 p.28).

No sistema aristotélico, a ética é a ciência das condutas, menos exata na medida em que se ocupa com assuntos passíveis de modificação. Ela não se ocupa com aquilo que no homem é essencial, mas daquilo que pode ser obtido por ações repetidas, disposições adquiridas ou de hábitos que constituem as virtudes e os vícios. Seu objetivo último é garantir ou possibilitar a conquista da felicidade. Partindo das disposições naturais do homem (disposições particulares a cada um e que constituem o caráter), a moral mostra como essas disposições devem ser modificadas para que se ajustem à razão. Desde o início da *Ética a Nicomâco*, percebemos que o pensamento ético de Aristóteles se constitui em reação ao pensamento de Platão, numa contestação da existência de um Bem único, causa de todos os bens particulares. Contudo, Aristóteles concebe a existência de um bem acima de todos os outros, na medida em que os outros a eles são subordinados. "Se assim, seria natural afirmar que o homem tão desejoso de ser feliz refletiria sobre a felicidade, ou pelo menos sobre as modalidades concretas de satisfazer da melhor maneira esse desejo, para orientar sua existência na direção de um objetivo"(FERMANI, 2015, p.25).

Essa hierarquia dos bens corresponde à hierarquia das artes. Assim, o bem do estrategista é subordinado ao bem político, pois se faz a guerra visando ao bom governo da cidade, exceto numa cidade desencaminhada. Há, portanto, um bem supremo, que se basta a si próprio e que, diz Aristóteles, é a "felicidade" (eudaimonía). Esse é o estado do homem virtuoso, que só pode atingir o estado de plenitude representado pela felicidade realizando sua natureza, que é a de um "animal político". "Os bens externos, como a boa saúde, a fortuna etc., bem como os bens do corpo, como o prazer, são úteis para nos completarmos para a felicidade, mas não constituem sua essência, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa"(PELLEGRIN, 2010 p.14).

Para Aristóteles (1991), bem comum é um termo que pode se referir a vários conceitos diferentes, mas idênticos entre si, seja na filosofia, na teologia, na sociologia. No sentido mais popular, descreve o conjunto de bondades que são compartilhados de todos os membros, de uma determinada comunidade. O bem comum é o fim das pessoas que existem na comunidade, tal como o fim do todo é o fim de qualquer de suas partes, ou seja, o bem da comunidade é bem ou propósito do próprio indivíduo que a compõe. Há, por exemplo, atividade cujo fim está em si mesma e atividades cujos fins são diferentes delas. A arte médica é um meio para alcançar a saúde; a construção naval é um meio para obter um navio; a economia é um meio para obter a riqueza. O bem comum por vezes tem sido como uma utilitária ideal, o que representa o maior bem possível para o maior número possível de pessoas, a virtude contribui na busca de cada ser humano pela felicidade e quando o agente compreende a amplitude das ações, ele busca o meio termo. Mas as particularidades de cada uma das virtudes são irrelevantes, o que importa é que toda situação apresenta uma ação que é virtuosa em geral na busca do fim último do homem para Aristóteles que é a felicidade.

Conforme Pellegrin (2010, p.30), o finalismo foi um dos aspectos mais criticados do pensamento de Aristóteles. O cosmos aristotélico, e particularmente sua parte sublunar, está na verdade povoado em grande medida por seres dotados de fins naturais, entre os quais os seres vivos ocupam o primeiro lugar. Sem "defender" o finalismo aristotélico, o que seria carecer de senso histórico pode ao menos tentar mostrar sua sutileza. Aristóteles não é Bernardino de

Saint-Pierre e não pensa que os lados dos melões existem visando à justa divisão nas refeições familiares. Pois, embora a natureza aristotélica seja "em vista de algo" e "realize sempre o melhor". Aristóteles nem por isso é providencialista. Aristóteles costuma repetir que o que o separa de seus predecessores pré-socráticos, e no tocante a isso cita, sobretudo os atomistas e Empédocles, é que, além das explicações que chamaríamos de "físico-químicas" dos fenômenos naturais, que são evidentemente válidas, cumpre buscar a razão última desses fenômenos no fato de eles terem uma causa final, porque, "entre as coisas naturais, há em vista de quê" (Física II,8,199a7). Para dar conta da articulação das explicações pela necessidade e pelo fim, Aristóteles recorreu à doutrina da "necessidade hipotética": assim como é necessário que a serra seja feita de metal se quisermos que cumpra sua função, também é necessário que determinadas propriedades para que possa cumprir sua função. Mas existem muitos fenômenos que ocorrem por pura simples necessidade, servindo isso para um fim ou não.

Marchionni (2008, p.21) destaca que "O Bom conduz à Verdade. Quando estamos em dúvida se uma coisa é verdadeira ou não, mas sabemos que é boa, podemos concluir que é verdadeira. O caçador, que saiu com um amigo para caçar, perde de vista um amigo. Vê a um certo momento a moita se mexer. Prepara-se para atirar. Ele se dá conta, porém, de estar incerto se atrás das folhas está um animal ou um amigo. Atira ou não? Escolherá de não arriscar a vida do amigo, porque isso é bom, e será também a escolha verdadeira. A mesma pergunta surge ante o embrião humano: é uma pessoa ou um punhado de células? Atiro ou não?"

Para Aristóteles (1991), as nossas ações também têm por finalidade o bem. Qual é esse bem? Aristóteles identifica o bem humano com a felicidade. Ora, cada tipo de homem enxergará a felicidade de um jeito! "Se a felicidade é atividade conforme à virtude, será razoável que ela esteja também em concordância com a mais alta virtude; e essa será a do que mais existe de melhor em nós". Os mais vulgares vão enxergar a felicidade somente nos prazeres; os mais refinados vão enxergá-la sobretudo nas honras! Outros ainda vão associá-la à virtude, já que são geralmente os homens considerados virtuosos que concedem as honras às pessoas.

Cabe à virtude e à sua natureza visar à mediania tanto nas ações – embora algumas ações não permitam um meio-termo por seus próprios nomes já implicarem, em si mesmo, maldade – quanto nas paixões. Um dos extremos – entre os quais a mediania se localiza – é mais equivocado que o outro. Deve-se, portanto, estar atento aos erros para os quais se têm maior facilidade para ser arrastado. Pode-se saber para qual erro se é arrastado ao se analisar o prazer e o sofrimento acarretado pelo mesmo. Ao descobrir para qual erro se tende mais, deve-se ir em direção oposta, ao outro extremo para que se chegue ao estado intermediário e, conseqüentemente, afastar-se do erro. Em muitos sistemas éticos o caminho correto é apresentado como aquele que alcança um meio-termo feliz. Não se desvia para um lado nem para o outro, representando antes a moderação, a harmonia, o equilíbrio e a capacidade de evitar os pontos fracos de ambos. A doutrina aristotélica do meio-termo representa todas as virtudes como um equilíbrio entre os vícios do excesso e os do defeito. O homem que tudo teme é um covarde, mas o homem que nada teme é precipitado.

A ética, diz respeito ao indivíduo, enquanto a política considera o homem na sua dimensão social. Como conceito aristotélico de ética podemos dizer que é a arte de viver, ou "saber-viver", buscando assim o meio-termo, agregando valores, boa utilização dos prazeres, ação virtuosa. Consideramos bens aquelas atividades da alma, a felicidade identifica-se com a



virtude, sendo à virtude uma atividade virtuosa. No entanto, o Sumo Bem está colocado no ato, porque pode existir um estado de ânimo sem produzir bom resultado, pois atividade virtuosa necessariamente agir, e agir bem.

## **O fim último para Aristóteles: A Felicidade**

Um estado considerado o ideal, para Aristóteles (1991), é, portanto, a virtude. Desse modo, todos os excessos são considerados vícios. Excesso de coragem é a temeridade, a impulsividade, já a falta de coragem é a covardia, assim, ambas são consideradas vícios. É preciso buscar o equilíbrio, que é a virtude, ou seja, a coragem em si, "a liberalidade", que parece ser o meio-termo em relação à riqueza. "O homem liberal, com efeito, é louvado não pelos seus feitos militares, nem pelas coisas que se costuma louvar na temperante, nem por decidir com justiça num tribunal, mas no tocante ao dar e receber riquezas - e especialmente ao dar". Meio termo torna-se a correta identificação de uma práxis racional virtuosa."

Reale (2012, p.119-120) afirma: "A doutrina da virtude ética como "justo meio" entre dois extremos é ilustrada por uma análise das principais virtudes éticas (ou melhor, daquelas que o grego então considerava essenciais), naturalmente não deduzidas segundo um fio condutor preciso, mas empíricas e quase rapsodicamente elencadas. A virtude da coragem é o "justo meio" entre os excessos de temeridade e de covardia; a coragem é a justa medida imposta ao sentimento de medo que, quando desprovido de controle racional, pode degenerar na escassez, em covardia e, no excesso, em temeridade. A temperança é o "justo meio" entre os excessos de intemperança ou devassidão ou de insensibilidade; a temperança, portanto, é o comportamento justo que a razão impõe diante de determinados prazeres. A liberdade, assim, é o comportamento justo que a razão impõe em relação ao dinheiro - e assim por diante. Entre as virtudes éticas, o Estagirita não hesita em apontar a justiça como a mais importante".

Quanto à questão de como podemos detectar a tal capacidade moral, ou as virtudes, nas quais devemos nos exercitar para através delas alcançar a felicidade, Aristóteles nos sugere uma regra geral e fundamental: no que compete ao agir deve-se ater ao justo meio-termo e evitar os extremos que provêm ou da carência ou do excesso. Precisamos de fortaleza, e esta é uma virtude situada entre dois defeitos - a covardia e a temeridade leviana. Existe o defeito da avareza e o defeito da prodigalidade, enquanto a generosidade ajuizada está livre desses dois extremos. Que nem a soberba e tampouco uma opinião excessivamente negativa sobre nós mesmos se apossam de nós. E não se trata de libertar-se inteiramente de emoções ou das paixões diante de diversos acasos ou acontecimentos ditados pelo destino, mas de saber dominá-lo de acordo com a regra superior: "Na vida procure o meio-termo, procure a moderação"(KOLAKOWSKI, 2009 p. 60-61). Podemos ser felizes durante a vida, através da vida racional, com prudência, aquela em que refletimos antes de agir, escolhendo os melhores meios, aqueles que não são nem excessos, nem faltas, mas exatamente a justa medida. A busca do bem supremo exige que o ser humano ouça e obedeça a sua razão, que pratique o que se entende por virtude moral.

Esta é uma prática que deve ser constante na vida de todos nós, pois as virtudes morais não nos são dadas por natureza, mas são adquiridas como hábito através de seu exercício. Aristóteles (1991) cita, ainda, que "A sabedoria prática e a arte política não podem ser a mesma

coisa; porque, se devemos chamar sabedoria filosófica à disposição mental que se ocupa como os interesses pessoais de um homem, haverá muitas sabedorias filosóficas."

A virtude não é, portanto, natureza; e não haveria um aprendizado suficientemente eficaz para garantir a ação virtuosa. A virtude, contudo, seria a forma mais plena da excelência moral; e, por essa razão, não poderia existir em seres incompletos ainda em formação, como as crianças. A excelência moral, revelada pela prática da virtude, seria, antes de tudo, uma disposição de caráter. Para o exercício da virtude seria, pois, necessário conhecer, julgar, ponderar, discernir, calcular e deliberar. Ao contrário da tradição socrática e platônica, não seria o mero conhecimento do bem que poderia dirigir a ação justa. A virtude, como excelência moral, corresponderia à ideia de uma razão reta relativa às questões da conduta.

Atualizando o pensamento de Aristóteles com os dias de hoje podemos perceber que a ideia de ética – comprometida, por exemplo, com o espaço público – no qual o indivíduo se dará a ver, situa-se como reflexão sobre o sujeito à procura de normas passíveis exigidas nos padrões de conduta de uma empresa. Isso supõe escolha e adesão a determinados valores; mas supõe também o compromisso e a responsabilidade para manter e sustentar a opção efetuada na particularidade das situações vividas no dia-a-dia. O profissionalismo poderia ser pensado como a adequação de tal finalidade na vida rotineira das instituições.

Aristóteles (1991) nos apresenta um pensamento que nos dias atuais deveria ser utilizado em relações de trabalho; com nossos alunos, com nossos colegas, com nossos pares, enfim. Se a ética requer a vida ativa que é a que caracteriza a própria condição do homem no qual o indivíduo atua como ser ético perante os outros. Não se pode ser ético quando não se convive; é, portanto, a esfera pública e coletiva que possibilita a expressão da virtude. Se, por sua vez, a vida boa acarreta felicidade, e se a vida boa é a vida digna, parece lícito conferir significados comuns e partilhados às ações individuais tomadas em relação aos outros. "O fato de dizermos que o homem equitativo"<sup>3</sup> é acima de tudo um homem de discernimento humano, e de identificarmos a equidade com o discernimento humano a respeito de certos fatos." (ARISTÓTELES, 1991).

Além disso, as virtudes do comportamento traduzem-se no hábito; e não no postulado de intenções. Será, portanto, necessário percorrer com ética a própria vida, posto que seja mais trabalhoso agir pelo bem do que dizê-lo. Tal cuidado justifica-se também quando nos apresentamos às gerações mais jovens. A educação moral consiste num processo que deverá ser iniciado quando o agente ainda é muito jovem e a aprendizagem da virtude requer um componente cognitivo que faça com que o agente julgue corretamente em diferentes situações de ação. Para tomar o caráter virtuoso da ação como razão, para escolhê-la voluntariamente e como resultado de seu caráter, o homem tem que ser capaz de avaliar as circunstâncias nas quais se encontra, sendo conhecedor delas e identificando o que é que ele deve fazer. E isso é necessário, porque ação virtuosa nem sempre é a mesma, mudando conforme as situações em que o homem se encontra.

---

<sup>3</sup> De acordo com a definição, ser equitativo está relacionando com o "ser justo", em um sentido moral e ou ético. Ser honesto e imparcial. No entanto, a partir de uma análise filosófica do termo, o filósofo grego Aristóteles diz que o "ser equitativo" é superior ao justo.

No que toca à aquisição da felicidade, Aristóteles (1991) afirma que a mesma pode ser facilitada pela aprendizagem, rejeitando, à partida, que a felicidade seja uma bênção divina. “Se, portanto, a razão é dívida em comparação com o homem, a vida conforme à razão divina em comparação com a vida humana”. Não obstante, existem outros aspectos condicionantes que também têm a sua influência. A sorte é um deles, sendo que a ausência da mesma pode impedir que se alcance a felicidade.

As ciências práticas são a ética e a política. Nestas o objetivo é o próprio ato da produção. Suas práticas visam justamente à produção da ética e da política e nada além. O agente político que as produz tem por objetivo o bem do próprio agente político e ético. Nesse sentido, a finalidade da ética é o bem do homem, é a felicidade e o alcance das virtudes morais, tais como a coragem, temperança, amizade, modéstia, justiça, prudência, etc.

A sabedoria prática também está ligada ao caráter virtuoso e este à sabedoria prática, já que os princípios de tal sabedoria prática concordam com as virtudes morais e a retidão moral concorda com ela.

O homem ético é virtuoso e, portanto, feliz. Já a finalidade da política é o bem comum: a liberdade e a justiça. Nesse sentido, o agente da ética e da política é o homem e o seu fim é o próprio homem. Parece mesmo que a felicidade esteja associada a uma noção de “falta”. Por exemplo, se perguntarmos para uma pessoa doente o que é a felicidade, ela responderá que é a saúde; para uma pessoa endividada, a resposta que teremos será que o dinheiro é a felicidade; para uma pessoa que está passando frio, uma resposta possível é que um cobertor é a felicidade, da mesma forma que, para uma pessoa faminta, a felicidade é um prato de comida. O que podemos pensar, com Aristóteles, é que não há uma mudança no que é a felicidade, e sim na percepção que temos dela.

O ser humano só alcançará seu fim se atuar conforme sua virtude, a razão. E não baste ter uma virtude, é preciso praticá-la. Para alcançar a felicidade verdadeira o homem deve dedicar-se fundamentalmente a vida teórica, no sentido de uma contemplação intelectual, buscando observar a beleza, a autêntica realidade das coisas a vida inteira. A felicidade é algo relacionado com a plenitude interior humana. Uma atividade auto suficiente baseada no bem e nas virtudes, que ultrapassa os limites de um estado emocional fugaz e não pode ser confundida com prazer ou diversão. Para este mesmo filósofo a felicidade está diretamente relacionada com a atividade intelectual continuada e a aprendizagem pode ajudar na sua aquisição.

Aristóteles, ao longo de seus escritos, enfatiza a importância das práticas de virtudes, sem os quais seria impossível a vida contemplativa e o exercício das virtudes intelectuais. A virtude, na perspectiva do filósofo, é um instrumento não só a serviço da economia, mas sim um processo que visa potenciar o florescimento de cada um em ordem à concretização da eudaimonia<sup>4</sup>, ou seja, da vida boa e da excelência. “A eudaimonia, então, assim como a

---

<sup>4</sup> A palavra é composta por “eu” (“bom”) e “daimōn” (“espírito”). Trata-se de um dos conceitos centrais na ética e na filosofia política de Aristóteles, juntamente com “areté” (geralmente traduzido como “virtude” ou “excelência”) e phronēsis (frequentemente traduzido como “sabedoria prática”). Na obra de Aristóteles, a palavra eudaimonia foi usada (com base na tradição grega mais antiga) como equivalente ao supremo bem humano - sendo o objetivo da filosofia prática - incluindo a ética e a filosofia política - definir o que é esse bem e como pode ser alcançado.



pensaram os gregos, caracteriza-se, ao mesmo tempo, como uma vida rústica, e como uma vida que satisfaz, que propicia prazer, como aquilo que está perfeitamente realizado e que, portanto, realiza." (FERMANI, 2015 p.41)

A virtude é, com efeito, uma disposição prática que envolve mais do que a capacidade racional do agente de identificar, numa dada situação, que coisas ele deve fazer. A virtude envolve um amadurecimento dos sentimentos do homem adquiridos pela prática de atos em uma mesma direção.

## Considerações Finais

O valor da obra *Ética a Nicômaco* para nossa sociedade atual é evidente. Suas verdades são representadas em forma de experiência Ética e Moral de como viver bem em comunidade. A maneira de comportamento do homem é fundamental para compreendermos o pensamento do nosso filósofo.

Aristóteles parte de considerações acerca do ser humano, ou seja, ao homem que se coloca como fundamento da ética. Mas para conhecer o ser do homem foram necessárias considerações acerca dos meios para se chegar ao fim, na medida em que o que faz do homem não é uma particularidade, mas o Bem Comum. De qualquer maneira, fica-nos a lição aristotélica de que não é possível estabelecer o que nós homens devemos fazer sem que se tenha uma compreensão do que é o homem. Para usar um termo que nos dias de hoje causa arrepios em muitas pessoas, não é possível fundar uma ética sem se remeter à ideia de uma natureza humana.

O Estagirita nos apresenta algo necessário para a vida e para a felicidade do homem, a dificuldade do homem moderno é que se pensa nos seus interesses e usa as pessoas para conseguir tudo o que querem, a ideia de bem comum é substituída pelo bem individual, tendo utilizado as virtudes para ser chegar ao fim último do homem.

Portanto a *Ética a Nicômaco* assimila o saber virtuoso, aquele referido para explorar o domínio da ação em geral, que esta ação seja moral, sendo assim sem as virtudes não se chegaria à moral.

Por fim, ao fazer essa análise sobre a filosofia da *Ética* de Aristóteles, nota-se que ao longo da história, ela tem sido essencial e deve tornar-se um meio útil para o homem chegar ao fim último: A Felicidade.

## Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4<sup>o</sup>ed. vol. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AUDI, Robert. **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. Tradução João Paixão Netto; Edwino Aloysius, et. al. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paulus, 2011.

FERMANI, Arianna. **A vida feliz humana diálogo com Platão e Aristóteles**. Tradução Renato Ambrosio. São Paulo. Editora Paulus, 2015, p. 25.

KOLAKOWSKI, leszek. **Sobre os que nos perguntam os grandes filósofos**. Tradução de Tomasz Lychowski. vol.1. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MARCHIONNI, Antônio. **Ética**: A arte do bom. Petrópolis: Vozes, 2008.

PELLEGRIN, Pierre. **Vocabulário de Aristóteles**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

REALE, Giovanni. **Introdução a Aristóteles**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STIRN, François. **Compreender Aristóteles**. Tradução de Ephraim F. Alves. 4ª ed.; Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.